

Ressonâncias da transmissão do Discurso Analítico no ensino e na pesquisa.

Daniela Scheinkman Chatelard.

Em *A transmissão da psicanálise*¹, Jacques Lacan sustenta que para falar de transmissão, é preciso que cada analista se esforce para reinventar a psicanálise". A clínica das neuroses, inventada por Sigmund Freud, somente pôde se escrever porque houve uma investigação psicanalítica. Freud antecede com sua observação, a fundação de uma clínica das neuroses, de sujeitos que carregam em seu âmago e em sua constituição um *saber não-sabido*. Nessa direção, lembremos que o lugar do *infans* que está na origem do gráfico do desejo, permite colocar em funcionamento o lugar do sujeito; ou seja a partir do momento em que o *infans* se torna um sujeito falante, torna-se ser-da-fala, *falaser* como consequência do ser-da-falta, desde sua entrada no universo simbólico em que ele aceita o significante que vem do Outro e se endereça ao Outro pela palavra – um grito torna-se palavra, um apelo torna-se demanda.

Na *Proposição de 09 de outubro de 1967*², Lacan enfatiza “que a raiz da experiência do campo da psicanálise, colocado em sua *extensão*, única base possível para motivar uma Escola, deve ser encontrada na própria experiência psicanalítica, queremos dizer tomada em *intensão*: única razão justa a ser formulada da necessidade de uma psicanálise

¹ Lacan, Jacques. (1998). A psicanálise e seu ensino. *In*: Lacan, Jacques. *Escritos*. (pp. 438-460). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957).

² Lacan, Jacques. (2001). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. *Autres Écrits*. (pp243-260). Paris: Éditions du Seuil.

introdutiva para operar neste campo”. Operar em três eixos deste campo; epistêmico, práxis e político.

A leitura de Lacan tem como objetivo refletir a teoria e a práxis psicanalíticas. E justamente ao abrir o Seminário 11³ Lacan lança a pergunta: “O que é uma práxis? (...) É o termo o mais amplo para designar uma ação realizada pelo homem, seja ela qual for, que o conduz a tratar o real pelo simbólico”. A experiência estendida sob o campo de uma práxis, cujo ponto central é o desejo do analista norteia a transmissão lacaniana. E, neste movimento, aquilo de que se trata na experiência psicanalítica é de “fazer falar”, a começar pelo nascimento desta práxis com as histéricas. O sintoma é de início o mutismo num sujeito suposto falante. Ora, lembra Lacan, o traço diferencial da histórica é precisamente este movimento mesmo de falar no qual se constitui o seu desejo. Não é surpreendente que Freud tenha entrado por esta porta, para demonstrar as relações do desejo à linguagem, e que ele tenha por esta investigação, descoberto os mecanismos do inconsciente. “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”; tal axioma orienta o ensino de Lacan e o seu campo. Nesta nova etapa, re-visita o conceito principal da psicanálise: o inconsciente.

Uma Escola de Psicanálise faz referência ao ensino, a sua transmissão. Podemos nos colocar aqui a questão do grupo e da função dos coletivos humanos, ou seja o *Mal estar na civilização*: ênfase no grupo, a questão fundamental aí para Freud concerne ao gozo. O que possibilita fazer laço social? Como o fala-ser pode consentir na perda de gozo que é uma condição da civilização? O fala ser é efeito da linguagem sobre o vivente. A psicanálise não entra no debate se um sintoma é somático ou psíquico. A Psicanálise intervém a partir do momento em que o sujeito é a questão. Mas esta qualidade do falar do sujeito tem incidências sobre o organismo pulsional (somático como o psíquico).

³ Lacan, J. Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, p.14. Paris: Seuil, 1973.

Desde Freud, o gozo está relacionado a um campo de energia, ideia que converge com o que é colocado como princípio de regulação de gozo. *Aparelhos de gozo*, expressão de Lacan, mas, primeiramente, no campo freudiano – a noção de aparelho lembra a noção de aparelho psíquico. Aparelho sob o modelo ótico na *Interpretação dos Sonhos* ou biológico no *Mais Além do Princípio do Prazer* – do funcionamento psíquico, sugerindo, por um lado, uma espécie de ordenamento, de um dispositivo interno, ligando funções diferentes a lugares específicos e, por outro lado, a atividade de um trabalho, mesmo de um metabolismo indo da percepção à motricidade. Em uma passagem no *Seminário*, livro 11⁴, Lacan num determinado momento afirma que o sujeito é um aparelho. Este aparelho é algo lacunar, é na lacuna que o sujeito instaura a função de um certo objeto, enquanto objeto perdido. É o estatuto do objeto *a* enquanto que presente na pulsão. Sabemos o quanto o conceito de satisfação é singular e caro à psicanálise, porque é uma satisfação que envolve um contexto diferente. Há uma satisfação contida no sintoma, satisfação bizarra que causa sofrimento. A palavra *jouir*, satisfação em francês oferece uma vasta riqueza semântica. Pode ser tanto o sentido de aproveitar algo, extrair prazer como também sofrimento, "gozar de sua dor". É o Além do Princípio do Prazer já avançado por Freud.

A psicanálise não evoca um campo epistêmico, mas do desejo. Somos sujeito do discurso cada vez que o sujeito tem voz. O sujeito da psicanálise é o da ciência, aquele que se interroga e vem desde Descartes. O que se articula é fala com palavra, uma estrutura de linguagem mobilizada na palavra. O sujeito da psicanálise é este que vem por causa de um sintoma, que faz de mim um sujeito que sofre, que falha, no sentido de falência. Quem sou eu na palavra? Sou uma incógnita, um enigma. A busca de sentido, o significante representa o sujeito, tudo o que digo me representa sem dizer o que eu

⁴ Lacan, J. Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, parte V: Tuché et Automaton, pp.60 e seguintes, Seuil, Paris, 1973.

sou. O eu não é solidário ao sujeito. A transferência analítica é a instituição maior do sujeito. É uma operação do sujeito que consiste em desenvolver uma incógnita. O sujeito na cadeia de associação está coberto, é o corte, a escansão, o ato, é nas falhas que este sujeito é des-coberto. O sujeito neurótico sofre de indeterminação. Ele espera que uma análise ponha fim a indeterminação. Há no sujeito o temor de descobrir que possa ter o desejo como resposta.

No fim da década de 1960, sabemos foi a década de grandes manifestações e revoltas estudantis no Brasil e em outras partes do mundo e a França a isso não escapou abalando as ordens sociais. Principalmente em maio de 68. Neste ano colocou-se em questão o sistema universitário e os valores tradicionais da sociedade francesa. Um ano em meio mais tarde, em 26/11/69, ainda sob o clima de contestação generalizada Lacan deu início ao seminário 17: O avesso da Psicanálise. Suas formulações foram certamente marcadas pelas circunstâncias históricas que convulsionaram não apenas o meio intelectual e político Frances, mas também o psicanalítico.

O Averso, o empenho de Jacques Lacan na construção de uma teoria da discursividade como forma de abordar o laço social. Com a teoria dos quatro discursos, uma concepção de laço social singular e frutífera, com esta nova concepção, Lacan deu um passo adiante em seu ensino, articulando o campo da linguagem ao campo do gozo. “Não há discurso que não seja do gozo, ao menos quando dele se espera o trabalho da verdade”. Foi o reconhecimento desta relação que fez com que Lacan ao propor a retomada da psicanálise pelo avesso pudesse questionar o lugar da psicanálise na política. A originalidade dos quatro discursos como modo de pensar o laço social.

“O discurso é sem palavras”, projeto de retomar a análise Freudiana pelo avesso e uma virada em relação ao eixo central de todo primeiro período do seu ensino: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Sem recusar esta tese Lacan deu

ênfase a uma outra dimensão, o real utilizando o conceito de objeto *a*. O Real, aquilo que escapa ao simbólico, que é da ordem do demonstrável, do transmissível (sem palavras ou que escapa a palavra mas não deixa de fazer discurso e laço social).

Com a elaboração, construção dos matemas e a formalização dos discursos, Lacan pretendeu fazer com que o Discurso do Analista fosse capaz de ensinar, de transmitir mas sem confundi-lo com o Discurso Universitário, este último, fundado em um saber cumulativo e acadêmico no qual o sujeito como produto se resume em créditos e não como autor. Quando falamos de pesquisa em psicanálise, o valor da singularidade do caso é ressaltado por Freud ao indicar que cada caso deve ser escutado como se fosse o primeiro, colocando-se em reserva o saber sobre a teoria e seguindo a lógica do *a posteriori*.

O tripé, a saber: análise pessoal, debate teórico, supervisão de casos clínicos é essencial e faz o nodamento entre psicanálise em intenso e em extensão, aí entra o lugar a supervisão e da pesquisa em psicanálise na Universidade. Põe-se em causa o Discurso do Analista como laço social determinado pela prática da análise. E com o Discurso Universitário a transmissão do saber na Universidade, que se abre ao campo da saúde mental, a interdisciplinaridade circulando entre o demais discursos nos laços sociais estabelecidos, oriundos de outros campo do saber. Já o Discurso da Histórica em que o sujeito dividido com suas paixões e desejo, interroga os significantes mestres para produzir saber, gera movimento de reinvenção. Lacan aproxima a ciência do Discurso Histórico no sentido em que em ambos há a demanda de saber.

O surgimento do Discurso do Analista possibilitou que houvesse destacamento dos outros, esta teoria dos quatro discursos, como dizíamos, surge num contexto histórico, sociopolítico podendo ser formulado como aquilo de que se trata o laço social enquanto essencialmente fundado na linguagem: a lógica significante ordena tanto as relações

humanas quanto estrutura o inconsciente. O inconsciente é um saber, isto se demonstra laço social. Possibilita o surgimento do sujeito dividido, sem unidade. No Discurso do Analista, no lugar de agente, temos o objeto *a* dirigindo-se a um sujeito no lugar do outro. No lugar de agente, o analista neste lugar de objeto causa de desejo, só pode fazer semblante ao se oferecer para o sujeito como causa de seu desejo. É esse lugar de dejetto, como efeito do significante, que o analista ocupa ao fazer operar o dispositivo analítico para que o significante mestre se destaque como marca do sujeito, memória de gozo.

A escrita dos quatro discursos define que um sujeito pode mudar de posição conforme o discurso, não ocupando apenas a posição alienada de escravo como está colocada no Discurso do Mestre, condição de sua constituição, na qual um significante o representa para um outro significante.

Se o que norteia a psicanálise gira em torno da questão da castração, do traumático, do *troumatisme* ante à diferença, da entrada do ser vivo na linguagem, de um saber inconsciente, de um saber que fura, como pensar num discurso avesso a este quanto a sua transmissão? Como passar de um discurso marcado pelo significante mestre de onde se atribuía o valor de verdade, que consiste o Discurso Universitário a um discurso onde comparece a transmissão de um saber não-todo?

A questão da transmissão da psicanálise se faz a partir da formação do psicanalista e da análise pessoal, seja ela a partir de uma Escola de Psicanálise, numa instituição ou numa universidade. Ou seja, o lugar da pesquisa, do ensino a partir da formalização de um saber a partir do semi-dizer, de uma transmissão, transmissão da letra, da escrita do inconsciente, de um texto a ser veiculado pelas asas do desejo de uma transmissão oriunda de uma formação.

Sendo insuportável a solidão determinada por seu ato, resta ao analista fazer laço social. Quando Lacan desenvolveu a teoria dos quatro discursos, sugeriu que aquele que ensina se encontre no lugar de agente do discurso da histérica, que interrogando o mestre, produz um saber. Ou seja, aquele que ensina não é o mestre, ou está no lugar do mestre (do saber) como pretende o universitário, mas no lugar daquele que interroga, sabendo no entanto que este lugar é sempre do semblante. Os personagens que giram nos quatro lugares dos discursos são puro semblante.

A questão está na transmissão de um saber não-todo que o campo da psicanálise oferece a Universidade. Transmissão de uma ética, a do desejo, a do bem-dizer. Há uma possibilidade aí de passar do trabalho de transferência à transferência de trabalho.

Referências:

Lacan. (1998). A psicanálise e seu ensino. *In*: Lacan, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1957).

Lacan, J. (2001). Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École . *Autres Écrits*. Paris: Éditions du Seuil.

Lacan, J. Livre 11: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse, Seuil, Paris, 1973.